

O Sétimo Dia

Depois das oito horas, acordei e rapidamente me aprontei, estando desejoso de retornar novamente para dentro da Torre, mas as escuras passagens na Muralha eram tantas e diversas que vaguei bastante antes que pudesse encontrar a saída. O mesmo aconteceu também com os demais, até que por fim, todos nos encontramos novamente na Cripta mais profunda, e hábitos inteiramente *amarelos* nos foram dados, juntamente com nossos Tosões de ouro. Naquela ocasião a Virgem nos declarou que éramos Cavaleiros da *PEDRA ÁUREA*, acerca do que antes desconhecíamos. Depois que desta forma nos aprontamos, e tomamos nosso Desjejum, o Ancião presenteou cada um de nós com uma medalha de Ouro; em um dos lados estavam estas Palavras,

AR. NAT. MI. ²¹

No outro lado, estas,

TEM. NA. F. ²²

Exortando-nos, além disso, a que não deveríamos empreender nada além e contra esta insígnia de recordação. Com isto, fomos adiante para o Mar, onde nossos Navios permaneciam tão ricamente equipados que não era bem possível, a não ser que tais coisas maravilhosas tivessem sido primeiramente trazidas para cá. Os Navios eram em *número de doze*, seis nossos, e seis do velho Senhor, que fez com que seus Navios fossem carregados com Soldados bem nomeados. Mas ele embarcou conosco para dentro de nosso Navio, onde estávamos todos juntos; No primeiro, os Músicos se sentavam, dos quais o velho Senhor também tinha um grande número; eles partiram antes de nós para encurtar o tempo. Nossas Bandeiras eram os *doze* Signos *Celestiais*, e nós nos sentamos em *Libra*; além de outras coisas, nosso Navio também tinha um nobre e curioso Relógio, que nos mostrava todos os *Minutos*. O Mar estava também tão calmo que era um prazer singular Navegar. Mas o que superou todo o resto foi o discurso do Ancião, que tão bem sabia como despender nosso tempo com maravilhosas Histórias, que eu estaria contente em Velejar com ele por toda a minha Vida. Entrementes, os Navios continuavam a toda velocidade, pois antes que tivéssemos velejado por duas horas, o Marinheiro nos disse que já via todo o Lago quase coberto de Navios, pelo que podíamos conjecturar que eles haviam vindo para nos encontrar, o que também se provou ser verdade: Pois tão logo saímos do Mar e entramos no Lago pelo anteriormente mencionado Rio, logo lá estavam quinhentos Navios, um dos quais brilhava com puro Ouro e Pedras preciosas, no qual se sentavam o Rei e a Rainha, juntamente com outros Senhores, Senhoras e Virgens de nobre Nascimento. Tão logo eles estavam bem em nosso Alcance Visual, peças de artilharia foram disparadas por ambos os lados, e houve tal estrondo de Trombetas, Shalmes e Timbales que todos os Navios sobre o Mar cabriolaram novamente. Finalmente, tão logo chegamos perto, eles conduziram nossos Navios juntos, e assim estacionaram. Imediatamente, o velho *Atlas* adiantou-se como representante do Rei fazendo um curto, mas bonito discurso no qual nos deu as boas-vindas e perguntou se os Presentes Régios estavam prontos. O restante de meus Companheiros estava em enorme estupefação, de onde este Rei surgiria, pois eles nada imaginaram a não ser que deversem novamente *despertá-lo*. Deixamos que eles continuassem em seu assombro, e nos portamos como se isso parecesse estranho para nós também. Depois do discurso de *Atlas*, adianta-se nosso Ancião oferecendo uma réplica um tanto mais longa, na qual ele desejava ao Rei e à Rainha toda felicidade e progresso, depois do que entregou um curioso pequeno Estojo, mas o que nele

estava, não sei; apenas que foi confiado à guarda do Cupido, que pairava entre ambos. Depois que o discurso terminou, novamente dispararam uma Salva de Tiros, e navegamos um bom tempo juntos até que por fim chegamos em outra Praia. Esta estava próxima ao primeiro Portão através do qual primeiro entrei: Neste local novamente estava presente uma grande Multidão da Família do Rei, juntamente com algumas centenas de Cavalos. Agora, tão logo chegamos à praia e desembarcamos, o Rei e a Rainha ofereceram suas Mãos para todos nós, um e outro com singular bondade; e assim foi-nos dito para montarmos a Cavalos. Aqui desejo seja o Leitor amigavelmente solicitado a não interpretar a seguinte Narrativa como qualquer glória vã ou orgulho de minha parte, mas até aqui acreditar em mim, que se não tivesse havido uma necessidade especial nisso, eu poderia muito bem ter totalmente ocultado esta honra que me foi manifestada. Fomos todos, um após o outro, distribuídos entre os Senhores. Mas era para nosso *velho* Senhor e eu, muitíssimo indigno, cavalgarmos emparelhados com o Rei, cada um de nós portando uma Bandeira *branco-neve* com uma Cruz Vermelha: De fato, utilizaram a mim por causa de minha Idade, pois ambos tínhamos longas Barbas e Cabelos *grisalhos*. Além disso, eu havia fixado minha insígnia à volta de meu Chapéu, o que o jovem Rei logo notou, e *perguntou se eu era aquele que pudera junto ao Portão resgatar essas insígnias?* Eu respondi da maneira mais humilde, “*Sim*”. Mas ele riu de mim, dizendo que não *Havia* doravante necessidade de Cerimônia: eu era SEU Pai. Então ele me perguntou *Por meio do que eu as havia resgatado?* Respondi: com *Água* e Sal; ao que ele quis saber quem me tinha feito tão sábio; ao que fiquei um tanto mais confiante e recontei a ele como havia acontecido comigo com meu *Pão*, com a Pomba e com o Corvo; e ele ficou satisfeito com isso, e disse expressamente *Que deve necessariamente ser que Deus tivesse aqui me concedido* uma singular felicidade. Com isto, chegamos ao primeiro portão onde o Porteiro com as Roupas azuis aguardava, e portava em sua Mão uma petição. Agora, tão logo ele me divisou emparelhado com o Rei, entregou-me a *petição*, muito humildemente me implorando para mencionar sua habilidade para comigo diante do Rei: Agora, em primeiro lugar perguntei ao Rei qual era a condição deste *Porteiro?* Quem amigavelmente me respondeu: *Que ele era um bastante famoso e raro Astrólogo, e sempre em elevada consideração para com o Senhor seu Pai. Mas, tendo em uma ocasião cometido um deslize contra Vênus, e a contemplado em sua Cama de repouso, Esta punição fora, portanto, imposta a ele, que ele deveria por tanto tempo aguardar no primeiro Portão até que alguém pudesse dali libertá-lo.* Respondi então, pode ele então ser libertado? *Sim*, disse o Rei, *se alguém puder ser encontrado que tenha tão grandemente transgredido como ele mesmo, este deve ficar em lugar dele, e o outro deverá ser libertado.* Esta palavra entrou em meu Coração, pois minha Consciência me convenceu que eu era o ofensor, contudo mantive minha paz, & com isto entreguei a petição. Tão logo ele a leu, ficou extremamente aterrorizado, de forma que a Rainha, que (com nossas Virgens e a outra Rainha ao lado, da qual fiz menção no levantamento dos Pesos) cavalgou até para exatamente atrás de nós e observou, & então perguntou-lhe o que esta Carta poderia significar. Mas ele não julgou que devia dar atenção a ela, mas pondo a Carta de lado, começou a discursar acerca de outros assuntos, até que, desta forma, em cerca de três horas chegamos perto do Castelo, onde nos apeamos e aguardamos o Rei entrar em seu anteriormente mencionado Salão. Imediatamente o Rei solicitou para que o velho *Atlas* viesse até ele em um pequeno Aposento, e lhe mostrou o documento, o qual não se demorou muito, mas cavalgou novamente até o Porteiro para obter melhor Cognição do assunto. Após o que o jovem Rei com sua Esposa, e os outros Senhores, Senhoras e Virgens sentaram-se. Então começou nossa Virgem a extremamente elogiar a diligência que havíamos utilizado e os esforços e trabalho pelos quais havíamos passado, solicitando que pudéssemos ser regamente recompensados, e que a ela daqui em diante pudesse ser permitido desfrutar os benefícios de

sua autoridade. Então, o velho Senhor levantou-se também e atestou que tudo o que a Virgem havia falado era verdade, e que seria apenas justo que fôssemos ambos em ambas as partes satisfeitos. Depois disto, foi-nos dito para sairmos um pouco, e concluiu-se que cada homem deveria externar algum desejo possível, e em conformidade obtê-lo; pois não era para ser duvidado, mas que aqueles de *discernimento* também externariam o *melhor* desejo: Assim, deveríamos considerar isso até depois da Ceia. Entrementes, o Rei e a Rainha, a título de recreação, começaram entre si um jogo. Não parecia ser diferente de Xadrez, apenas tinha outras Leis; pois eram as *Virtudes* e *Vícios* uns contra os outros, onde poderia engenhosamente ser observado com que Tramas os *Vícios* armam *ciladas* para as *Virtudes*, e como reencontrá-las novamente. Isto foi tão adequada e astuciosamente executado que era para se desejar que tivéssemos semelhante jogo também. Durante o jogo, entra *Atlas* novamente e faz seu relatório privativamente, e já me ruborizei todo. Pois minha Consciência não me dava descanso; após o que o Rei deu-me a petição para ler e o Conteúdo da qual era em grande parte para este propósito: Primeiro, ele desejava prosperidade e progresso para o Rei; que sua semente pudesse ser espalhada amplamente para longe e extensamente: Subsequentemente, ele protestava que o tempo estava agora concluído, no que de acordo com a promessa Régia ele deveria ser *libertado*. Porque *Vênus* já havia sido exposta por um de seus Convidados, pois suas observações não conseguiam mentir para ele. E que se sua Majestade quisesse, por favor, fazer uma rigorosa e diligente inquirição, constataria que ela havia sido exposta, e caso isso assim não se provasse, ele estaria feliz em permanecer diante do Portão todos os dias de sua vida. Então implorou da mais humilde maneira que, sob risco de seu Corpo e de sua Vida, lhe pudesse ser permitido estar presente na Ceia desta Noite, ele teria boas esperanças de fazer o reconhecimento do exato Ofensor e obter sua desejada liberdade. Isto foi expressa e elegantemente indicado, pelo que pude bem perceber sua habilidade, mas era demasiadamente lancinante para mim, e eu bem poderia ter permanecido sem nunca tê-la lido. Agora, eu estava calculando em minha mente se ele poderia por acaso ser ajudado através de meu desejo, assim, perguntei ao Rei se ele não poderia ser libertado de alguma outra maneira: Não, respondeu o Rei, porque há uma consideração especial na questão. Contudo, por esta noite podemos bem gratificá-lo em seu desejo; assim, enviou alguém para mandá-lo entrar. Entrementes, as Mesas foram preparadas em uma Sala espaçosa, na qual nunca havíamos antes estado, a qual era tão completa e de tal maneira concebida que não me é possível nem mesmo começar a descrevê-la. Para dentro dela fomos conduzidos com singular Pompa e Cerimônia. O Cupido não estava presente nesta ocasião. Pois (como fui informado) a desgraça que havia acontecido com sua Mãe o havia de certa forma irritado. Em resumo, minha ofensa e a Petição que foi proferida eram uma ocasião de muita tristeza, pois o Rei estava com dificuldades em como fazer uma inquirição entre seus Convidados, e mais ainda porque desta forma mesmo eles também, que ainda desconheciam o assunto, viriam a saber acerca dele. Assim, ele fez com que o próprio Porteiro, que já havia chegado, fizesse sua severa inspeção e se mostrasse tão agradável quanto fosse capaz. Seja como for, finalmente eles começaram novamente a ficar alegres e a falar entre si acerca de todos os tipos de conversas recreativas e úteis. Agora, como o tratamento e outras Cerimônias foram então executados, não é necessário declarar, uma vez que não é de interesse do Leitor, nem útil para meu intento. Mas tudo excedia mais em arte e em inventividade humana do tanto que estávamos saturados de beber. E esta foi a última e mais nobre Refeição na qual estive presente. Depois do Banquete, as mesas foram subitamente levadas embora e determinadas curiosas cadeiras foram colocadas ao redor em círculo, nas quais nós, juntamente com o Rei e com a Rainha, ambos os seus velhos Homens, as Senhoras e as Virgens, éramos para nos sentar. Após o que um bastante elegante Pajem abriu o acima

mencionado glorioso pequeno Livro, quando *Atlas*, colocando-se imediatamente no meio, começou a falar para nós acerca do propósito subsequente. Que sua Majestade Real não havia ainda confiado ao esquecimento o serviço que lhe havíamos prestado, e quão cuidadosamente havíamos executado nosso dever, e, portanto, como forma de retribuição havia elegido todos e cada um como Cavaleiros da Pedra Áurea. Que era, portanto, adicionalmente necessário não apenas mais uma vez nos obrigarmos à sua Majestade Real, mas também jurarmos os seguintes Artigos, e assim sua Majestade Real saberia da mesma maneira como se comportar em relação às suas Pessoas leais. Ao que fez com que o Pajem lesse do princípio ao fim os Artigos, que eram estes:

- I. Vós, meus Senhores Cavaleiros, deveis jurar que em nenhuma ocasião atribuireis vossa ordem a qualquer *Demônio* ou Espírito, mas somente a Deus, vosso *Criador* e à *Natureza*, sua criada.
- II. Que Abominareis toda Devassidão, Imoralidade e Imundice, e não aviltareis vossa ordem com tais Vícios.
- III. Que através de vossos Talentos estareis prontos para auxiliar todos que sejam dignos e que tenham deles necessidade.
- IV. Que não desejareis empregar esta honra para Orgulho mundano e Autoridade arrogante.
- V. Que não deveis desejar viver por mais tempo que Deus queira.

Neste último Artigo, não pudemos evitar rir suficientemente, e pode ser que ele tenha sido colocado depois dos demais somente por chiste. Agora, tendo de jurá-los todos pelo Cetro do Rei, fomos mais tarde com as Cerimônias usuais instalados Cavaleiros, e dentre outros Privilégios nos assentamos sobre a *Ignorância*, a *Pobreza* e a *Doença*, para lidarmos com elas como nos aprouvesse. E isto foi mais tarde ratificado em uma pequena Capela (para onde fomos conduzidos em completa Procissão), e agradecimentos foram retribuídos a Deus por isso. Onde eu também naquela ocasião para honra de Deus pendurei meu Tosão de Ouro e meu Chapéu, e lá os deixei como um eterno memorial. E porque todos lá estavam para escrever seu Nome, eu desta forma escrevi:

**Summa Scientia nihil Scire,
Fr. CHRISTIANUS ROSENCREUTZ.
Eques aurei Lapidis.
Anno. 1459. ²³**

Outros escreveram de outra maneira, e verdadeiramente cada um como lhe parecia bom. Após o que fomos novamente levados para dentro do Salão, onde tendo nos sentado, fomos advertidos a rapidamente refletirmos sobre o que cada um de nós desejaria. Mas o Rei e seu grupo se recolheram para um pequeno Gabinete para lá ouvirem nossos desejos. Agora, cada homem foi chamado a entrar individualmente, de forma que não posso falar do desejo próprio de cada homem; considere que nada poderia ser mais digno de louvor do que, em honra de minha ordem, demonstrar alguma louvável virtude. E constatei também que, no momento, nenhuma eu considerava ser mais famosa e custar-me mais Problemas do que a *Gratidão*. Pelo que não

considerando que bem poderia ter desejado algo mais importante e agradável para mim mesmo, eu me contive e concluí, mesmo em meu próprio perigo, a libertar o *Porteiro*, meu Benfeitor. Pelo que sendo agora chamado a entrar, foi-me primeiro de tudo perguntado se, tendo lido a petição, eu não havia nada observado ou suspeitado com relação ao ofensor? Ao que comecei destemidamente a relatar como toda a questão havia ocorrido. Como por Ignorância eu incorrera naquele erro, e assim me ofereci a sofrer tudo o que havia por meio disso desmerecido. O Rei e os demais Senhores se surpreenderam enormemente com tão inesperada confissão, e assim disseram-me para colocar-me de lado um pouco. Agora, tão logo fui chamado a entrar novamente, *Atlas* declarou-me que embora fosse doloroso para sua Majestade o Rei, que eu, a quem ele amava acima dos outros, houvesse caído em tal infortúnio, contudo, porque não lhe era possível Transgredir seus antigos costumes; ele não sabia como de outra maneira me absolver, mas que o outro deveria ser colocado em Liberdade, e eu colocado em seu lugar; entretanto esperava ele que algum outro fosse logo detido, de forma que eu pudesse ser capaz de ir novamente para casa. Entretanto, nenhuma libertação deveria ser esperada até a Festa de Casamento de seu futuro Filho. Esta Sentença havia quase custado minha vida, e eu inicialmente me odiei e à minha Língua tagarela, em que não consegui manter minha calma, mas por fim tomei coragem e porque considerei que não havia remédio, relatei como esse Porteiro havia me concedido uma insígnia e me recomendado ao outro, com cujo auxílio permaneci na Balança, e assim fui feito coparticipante de toda honra e alegria já recebida. E, portanto, era agora apenas justo que eu devesse me mostrar grato ao meu Benfeitor, e porque o mesmo não pudesse de nenhuma outra maneira ser feito, retribuí agradecimentos pela sentença, e estava alegremente desejando suprir qualquer inconveniente no interesse dele, que havia sido útil a mim para que eu chegasse a tão elevada posição. Mas se por meu desejo algo pudesse ser efetivado, eu desejaria ir para casa novamente, e que assim ele através de mim e eu através de meu desejo pudessemos estar em Liberdade. A resposta foi-me dada de que o desejo não se estendia tanto. Contudo, eu poderia bem desejar que ele fosse libertado. Além disso, foi bastante agradável para sua Majestade Real que eu tivesse aqui me comportado tão generosamente, mas ele temia que eu ainda pudesse desconhecer em qual miserável condição eu me havia lançado em função desta minha curiosidade. Depois disto o bom homem foi declarado livre, e eu com um coração triste fui obrigado a chegar-me para o lado. Depois de mim, os demais também foram chamados, e saíram de novo jucundamente, o que foi ainda mais para minha dor, pois nada mais imaginei a não ser que deveria terminar minha vida sob o Portão. Tive também muitos pensamentos pesarosos percorrendo minha Cabeça acerca do que deveria ainda empreender e por meio do que despender o tempo, e por fim considerei que estava agora velho e, de acordo com o curso da natureza, tinha poucos anos mais para viver: E que esta angustiante e melancólica Vida facilmente me despacharia, e então meu trabalho de porteiro chegaria ao fim: E que por um muitíssimo feliz Sono eu poderia rapidamente me levar à Cova. Tive vários desses pensamentos, Às vezes me aborrecia que tivesse visto tais coisas grandiosas e devesse delas ser *privado*. Às vezes me alegrava que ainda antes de meu fim eu tivesse sido aceito para ter toda alegria, e não devesse ser forçado tão vergonhosamente a partir. Este foi o último e o pior choque que experimentei; Durante estas minha Cogitações os demais se aprontaram. Ao que, depois de terem recebido um boa noite do Rei e dos Senhores, cada um foi conduzido para seu Alojamento. Mas eu, um muitíssimo desditoso Homem, não tinha ninguém para me mostrar o caminho, e ainda deveria, além disso, padecer ser atormentado; e para que devesse estar certo de minha futura função, fui obrigado a colocar o Anel, que o outro havia anteriormente usado. Finalmente, o Rei me aconselhou que uma vez que esta era agora a última vez que eu provavelmente o veria desta maneira, deveria, contudo, me comportar de acordo com meu lugar,

e não contra a ordem: Ao que ele me tomou também em seus Braços, e me *beijou*, tudo o que compreendi, como se pela manhã devesse me sentar em meu Portão. Agora, depois que todos tinham conversado amigavelmente um pouco comigo, e por fim me dado as Mãos, confiando-me à proteção divina: fui, por ambos os velhos Homens, o Senhor da Torre e *Atlas*, conduzido para dentro de um Aposento glorioso, no qual estavam três Camas, e cada um de nós se deitou em uma delas, onde ainda despendemos quase dois, &tc.

Aqui estão faltando cerca de duas Folhas in-quarto, e ele (o Autor disto) considerando que imaginou que deveria pela manhã ser o Porteiro, retornou para casa.

FINIS.

Notas de Rodapé:

²¹ “*Ars naturae ministra*” é traduzido como: “*A Arte é a sacerdotisa (ou: a criada) da Natureza*”.

²² “*Temporis natura filia*” é traduzido como: “*A Natureza é a filha do Tempo*”.

²³ Esta inscrição pode ser traduzida como:

*“O Mais Elevado Saber é nada Saber
Irmão Christian Rosencreutz
Cavaleiro da Pedra Áurea
No ano de 1459”*